A MÚSICA NA TERRA DE IRACEMA

(Sinopse histórica do movimento musical no Ceará de 1900 a 1950)

PEDRO VERÍSSIMO

Alguns anos faz que vimos acompanhando o evoluir artístico-musical da terra cearense, e não nos pesa dizer que sua ascenção às esferas serenas e luminosas das regiões onde sòmente vingam a Verdade, o Belo e o Sublime, se tem operado gradativa porém ininterruptamente.

À maneira de outros Estados, o Ceará é a terra da música. Sentimo-la na maior profusão desde as cidades até as aldeias, inspirada e não aprendida.

Quantos gênios da arte divina feneceram na rudez de um casulo, sequiosos da linfa vitalizante de seu predestino! Quantas revelações artísticas vêm de surgir no palco da vida, sem o Jordão em que se opera o batismo de luz, para nova fase de existência!

Quantos eleitos perdidos por êsses ínvios sertões a dentro, envoltos no denso véu do obscurantismo!

Quantas vocações dobraram e dobram ainda sob o pêso das circunstâncias, sem o estímulo de u'a mão protetora!

São pontos admirativos que nos conduzem a refletir no injustificável dispendício dos nossos valores e, sobremodo, no olvido do Estado que, de resto, seria a sentinela avançada do nome pátrio no concêrto das realizações vocacionais.

Dessa desproteção é triste prova o que se passou com Alberto Nepomuceno, glória de que o Brasil se orgulha e tanta honra faz ao Ceará, "não haver conseguido que o Presidente da antiga Província dêsse execução à lei que, por projeto do deputado Martinho Rodrigues de Sousa, a Assembleia votou, em 1833, concedendo-lhe, por espaço de três anos, a pensão de 300$000 mensais, que auxiliaria aquele moço de talento nos seus estudos musicais em Conservatório europeu".

Não fôra a mão amiga do escultor Rodolfo Bernardelli, e mais a pensão de 400

francos mensais, adquirida em concurso para o "Hino da República", certamente Nepomuceno jamais tivera passado de um modesto pianista de orquestra.

Por que a ausência de lei protetora e assitência das vocações artísticas, ou seja de bolsa de estudos, instituição destinada a manter os jovens pobres que revelassem tendência para as belas-artes ou que tivessem necessidade de completar sua cultura?

Daí a razão precípua de ser a Terra da Luz precária na sua representação artístico-musical.

Nos dias que precederam à entrada do século XX, a coordenação musical do Ceará admirava pelo saber e incentivo que lhe emprestavam os poucos mestres então existentes.

Um dos mais antigos músicos da Província, em 1811, foi Joaquim Bernardo de Mendonça Ribeiro. Professor de latim e músico versado em textos clássicos, suas produções primavam pela originalidade, tanto esmeradas na forma quanto de estilo moldado na escola italiana.

Decorridos alguns anos, apareceu em Aracati uma pequena orquestra comandada pelo mestre Boaventura José de Aragão e da qual fazia parte seu parente Félix José Valois, cognominado Areré, o tal que veio escoltado de Quixeramobim para a capital e, depois, processado em face de sua estremada ligação à causa liberal.

"Não foi fusilado porque, em tempo, chegava do Rio de Janeiro ordem para suspenderam as execuções.

"Todavia, lhe fizeram praça de 1a. linha, e meteram-lhe na mão a batuta do quartel".

No Icó, antes de 1830, viam-se alguns músicos, mas só Francisco Inácio, que tinha excelente voz de basso, conseguiu alguma cousa parecida com orquestra.

Seu substituto, Simplício Delfino Montezuma, discípulo muito sentimentalista, algumas vezes "viram-no chorar executando um "Andante Cantabile", rindo-se logo após quando se efetuava a transição para um "Alegro vivo". Mais tarde Montezuma, transferindo-se para Fortaleza, empregou sua atividade no magistério, ensinou música no Colégio da Imaculada Conceição, sendo parte saliente da orquestra "Santa Cecília", tocando violoncelo.

A garbosa cidade de Sobral também teve sua orquestra, sob a regência do maestro Galdino José Gondim (pai de Zacarias Gondim), que, reunindo os elementos da terra, entre outros, o célebre João do Rego (o desdobrado violinista e cantor), não invejava o conjunto do Icó.

Dom Luís Antonio dos Santos, 1º. Bispo do Ceará, certa vez disse que "em sua visita pastoral, tinha notado que no Ceará havia muito gôsto pela música, pois havia apreciado algumas orquestras bem dirigidas e boas, notadamente as orquestras de Sobral e Icó".

O expressivo conceito do nosso sempre lembrado pastor vem ratificar a origem de nossa referência.

Em 1852 outro mestre — Bernardo José Pacheco — ministrou, em Fortaleza, o ensino de música aos jovens amadores que rendiam culto a Euterpe.

No mesmo ano ocorreu a primeira representação lírica, no Teatro São Luís, pelos artistas italianos Uguecioni. A inédita temporada impressionou os assistentes, e tal foi o sucesso que o elenco teve de permanecer demorado tempo, a convite da sociedade local, no intuito de disseminar ensinamentos de canto e música instrumental.

Em 1857 Joaquim Manuel Borges (alcunhado Joaquim Macaco), ex-mestre, ou melhor, o primeiro mestre da banda de música do Corpo de Polícia do Estado, lecionava nos educandários da capital e, particularmente, à rua Amélia, onde também era visto o seu colega Herculano José de Sousa.

Era assim animador o cenário musical citadino, quando, nos fins do século XIX, frequentes concertos sinfônicos eram realizados nos salões nobres da cidade, no Teatro São Luís, no Clube Iracema, além de muitos levados a efeito no recinto da Assembléia Estadual. Seus promotores, os maestros Vítor Augusto Nepomuceno (pai de Alberto Nepomuceno), Jorge Vítor Ferreira Lopes (pai de Henrique Jorge), Joaquim Manuel Borges, Herculano José de Sousa e João de Araújo Costa, bem merecem registo nesta memória, pela dedicação e assiduidade com que procuravam manter a boa vontade de seus discípulos.

Estamos no alvorecer do ano de 1900.

O novo século veio trazer novas ocorrências.

Zacarias Gondim e Manuel Magalhães, dois competentes musicistas, levaram a ombro o sublime desiderato.

Zacarias Gondim, organista da Catedral e da Igreja do Coração de Jesus, professor do Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, de que era diretora Ana Bilhar, dava aulas particulares de harmônio e piano.

Intelectual que era, publicou: "Traços ligeiros sôbre a evolução da música no Brasil, especialmente no Ceará" e "Música e dança indígenas", tendo elaborado uma série de artigos sôbre a interpretação contida no "Motu Próprio" de S.S. Pio X, relativamente à música sacra.

Foi o maestro Zacarias Gondim quem, em 1903, ensaiou e dirigiu, em primeira mão, o coral e música do "Hino do Ceará", de Alberto Nepomuceno, o qual teve para canto as almadas vozes de aplicadas normalistas, sem número de setenta, e, para acompanhamento, a harmoniosa banda do Corpo de Segurança do Estado, então mestrada pelo exímio clarinetista Raimundo Nonato de Sousa.

Manuel Magalhães, o maestro que frequentou o Conservatório de Lubec, na Alemanha, tinha um curso de violino e piano; ensaiou a orquestra do Teatro São Luís, bem assim a banda do Batalhão de Segurança do Estado.

Organizou diversas bandas de música de iniciativa particular, inclusive a dos empregados do comércio — "Club Filarmônico de Amadores", e lecionou o idioma alemão no Liceu do Ceará. Sua famosa orquestra "Santa Cecília" muito disse do seu dirigente, que não media sacrifício para conservá-la com seu aprimorado talento.

Eram seus componentes os professores Simplício Delfino Montezuma, violoncelo; Antonio Thomás de Carvalho, violino e oboé; Pedro Viana, fagote; Viana de Carvalho, violino; Gonçalo de Acarape, contrabasso, e outros de reconhecido mérito.

Em 1908 falecia Zacarias Gondim. Foi quando Fortaleza acolheu dois maestros italianos — Luigi Maria Smido e Ciro Ciarlini; o primeiro, contratado para reger a banda de música do Batalhão de Segurança, no govêrno Nogueira Acioli, tendo antes, em 1898,estado em Baturité, onde obteve a concretização de um atraente grupo orquestral de quarenta figuras; o segundo, também de projeção, passou a residir na cidade de Granja, zona norte do Estado, tendo prestado bons serviços não só aos granjenses, bem como aos habitantes dos municípios visinhos, criando bandas e orquestras e dando lições de violoncelo, violino e piano.

A banda policial, sob a regência de Smido, teve repercussão dentro e fora do Estado, a ponto de ser reputada a mais garbosa de todo o nordeste brasileiro.

O corêto da antiga praça Marquês de Herval, hoje José de Alencar, servia de palco aos seus constantes concertos sinfônicos. Para ali afluía numeroso e seleto auditório que não regateava delirantes aplausos ao maestro.

Francisco Benévolo, depois general, é outro habilíssimo mestre que muito prezava sua arte e muito contribuiu para o soerguimento cultural e espiritual de nossa mocidade. É autor do "Hino General Tibúrcio", cantado no dia da inauguração da estátua erguida à Praça General Tibúrcio, a 8 de abril de 1888, em memória do bravo soldado cearense que, nos campos do Paraguai, elevou bem alto o nome da Pátria. Seu falecimento data de 23 de junho de 1918.

Enquanto isso, tivemos pianistas intérpretes de clássicos e professoras das jovens fortalezenses, entre outras, Estefânia Pastor, Dondom Feijó da Costa Ribeiro, Elvira Pinho, Aurélia Meneses, Chiquita Meneses, Olímpia Bastos, Adelaide Ribeiro, Amália Frota, Ester Salgado, Julieta Araripe, Florzinha Emídio, Laura Maia, Isa de Queirós, Ialá Caminha, Ialá Meton, Alice Freire, Lica Gurgel, Aurea Pacheco, Julinha Quixadá, Hilda Matos, Angélica Barroso, Sinhàzinha Mota, Mozarina e Isolda Jorge; Ialá, Dondom e Santinha Jorge.

Extensa é a lista nominal das nossas pianistas diplomadas e não diplomadas, cuja enumeração seria prolixa dentro de uma síntese como esta. Pequeno era o círculo de professores de piano; mas, em compensação, atuavam mestres de outros instrumentos, no violino, flauta, violão, bandolim, cavaquinho, etc.

É de justiça apontar aqui o nome de um dos mais brilhantes propugnadores do nosso ensino musical — o maestro Henrique Jorge. É todo cearense o seu passado. Dirigiu orquestras, ensinou violino e piano e levou de vencida muitos concêrtos que eram festas verdadeiramente artísticas.

Inspirado compositor, escreveu finos trechos de música sacra e de câmera, o que nos faz recordar "Ave Maria", cântico religioso ouvido pela primeira vez por ocasião do enlace matrimonial do Dr. Eliézer Studart da Fonseca com a insigne pianista dona Estér Salgado. Henrique Jorge foi um dos fundadores da Padaria Espiritual, e o seu nome de guerra era Sarasate Mirim.

Violinistas do feitio de Manuel Magalhães, Henrique Jorge, Antônio Thomás de Carvalho, Josino Siqueira e Joaquim Nunes sentiam-se recompensados pelo aproveitamento de seus alunos. Os flautistas Oscar Feital, Silva Novo, Mozart Donizetti, Antonio Moreira, Joaquim Aristóteles, Henrique Golignac, Carlos Jataí e César Castro guiaram a todos aqueles devotados ao melodioso instrumento de Pã. Havia ainda o estímulo do "pinho", pelos professores violonistas Joaquim Alenquér, Rossini Silva, José Cunha, Dr. Mamede Cirino, Nelson de Sá Roriz e, posteriormente, Oscar Cirino, Francisco Soares, Aleardo Freitas, Afonso Aires, João Lima e muitos outros.

Bandas militares e particulares tiveram vida animada e prolongada. Entre as militares contavam-se: a da "Polícia do Estado", a do "23 Batalhão de Caçadores", a da "Escola de Aprendizes Marinheiros" e a do "Colégio Militar", agora "Escola Preparatória".

Como particulares atuaram: a "Filarmônica Caixeiral", a do "Club Filarmônico de Amadores", a "Banda da Rêde de Viação Cearense" e, por último, a do "Círculo de Operários Trabalhadores Católicos São José".

A tradicional banda da Polícia Militar do Estado tem nos dado conceituosos mestres, não sendo favor citá-los para a história da nossa música: João Moreira da Costa, Pedro Gomes do Carmo (Pedro Piston), Pedro Alves Feitosa (Pedro Cotó),

Joaquim Pacífico de Sousa, João Francisco Gomes, Raimundo Nonato de Sousa, Mário César de Sousa, Raimundo Ferreira do Nascimento, Raimundo Egídio de Lima, Júlio Marinho da Silva, José Augusto dos Prazeres, Martiniano José Monteiro (Naninho), Luís Saldanha Madeiro, João Batista de Sousa Brandão, Pedro Domingues da Silva, José Carneiro e Anísio dos Santos.

As bandas de música, marciais ou não, têm finalidade patriótica e são indispensáveis numa capital onde há constantemente solenidades oficiais, paradas, festas cívicas e religiosas.

Tempo houve em que era avultado o número de orquestras, principalmente as de pau e corda, quase sempre compostas de moços do comércio, funcionários públicos e artistas que, em gôzo espiritual, rendiam culto à linguagem da "alma e do coração".

Dentre as mais conhecidas e aplaudidas merecem menção: a do "Grêmio Musical Pantera", a "Orquestra do Batalhão de Segurança", a do "Clube Taliense de Amadores", a do "Clube de Diversões Artísticas", a do "Violon Club", a "Orquestra da Fênix Caixeiral", a do "Club Iracema", a do "Clube dos Diários", a do "Club Estímulo Musical" e a do "Cinema Pio X".

Em 1915 Raimundo Donizetti Gondim, um sobralense de nascimento, diplomado em Milão, regeu a orquestra do Cinema Moderno, em Fortaleza, tendo como valiosos componentes os professores Silva Novo, Edgar Nunes, Antonio Moreira, Manuel Xavier , Boanerges Gomes, Carlos Moreira, Oscar Pereira, José Dias e João Moreira. O maestro Raimundo Donizetti, exímio pianista e compositor, soube reunir à sua melodia as qualidades que, realçadas pelo seu gênio, fazem da "Valsa dos Ausentes" uma primorosa página de álbum.

Possuímos e ainda temos alguns cearenses diplomados em música, devendo lembrar, por enquanto, os nomes de Souto Menor, pianista, Eleazar de Carvalho, grande regente, e Aluísio Pinto, eminente vulto do teclado.

Até o ano de 1920, como vê o leitor, havia muito agrado e interesse pela arte dos sons, o que equivale dizer: assim como o cearense nasce blindado para enfrentar as adversidades, "à semelhança de Euterpe, nasce músico".

Fortaleza, na sua placidez de outrora, referta de lirismo e de maior prazer espiritual, embalada de sonhos ao luar das noites selenitas, confortada nas suas diversões sadias, quando o violão, em suaves arpejos, cadenciava a meiga voz das filhas de Iracema, era uma cidade de atrativos naturais e menos absorvida pela vertigem dos austos da existência atual.

Nos dias de 1930, um feitio científico oriundo do progresso "yankee" e europeu, desmentindo nosso romantismo, veio como que dissipar nossa velha tradição, com o aparecimento das estações de rádio e do cinema falado. Foi o bastante para que as orquestras fôssem pouco a pouco desaparecendo dos cinemas mudos, até o desânimo final. Professores de música tiveram empaledecida a frequência de alunos e, por motivo inconcebível, fugiam os grupos orquestrais, em sociedade, deixando ao abandono as canções modinheiras, as tertúlias sociais e mesmo o ritmo nas danças da quadrilha, da polca, da mazurca e do tango-brasileiro.

De 1900 a 1950 lá se vão cinquenta anos. Será que o índice opsonico da nossa cultura musical não tenha baixado em paralelo ao do nosso passado? Parece que sim.

O mundo marcha, a vida corre acelerada e confusa e novos acontecimentos estão a desvirtuar nossa atenção para a sublimidade da mais encantadora das artes.

No campo social moderno, onde tudo se agita e tumultua de iniciativas re-

modeladoras, a nova geração, na sua maioria, estaca ante o futebol profissional ou as notas marcantes dos discos que registam o bulício das guarachas, dos swings, dos boleros, das rumbas e dos sambas ao léu da cuíca e do pandeiro.

Desculda a elevação do pensamento, o transporte magnífico dos sons, que é o remédio sedativo da nossa alma nas horas agras do sofrimento moral.

E isso, como bem disse há pouco Otacílio Colares: "numa terra como a nossa em que, ha tempos, as cogitações da inteligência eram tidas como razão do nosso orgulho".

Mau grado nosso, obrigamo-nos ao clima que nos preside, até que passe a onda revolta do século estarrecido pelos efeitos diabólicos da energia atômica.

Ceará! Continuamos a ouvir constantemente os teus acordes deliciosos tangenciarem, levemente, sutilmente, as frondes da tua solitária carnaubeira. Salve!